

Sofre-se mais vezes
com a morte de uma ilu-
são, do que com a perda
de uma realidade.

E. Augier

ANO XXII-N.º 1.093 — Aveiro, 7 de Junho de 1952
Semanário Católico e Órgão da Diocese
Composição e imp. — Gráfica Aveirense, Limitada — Aveiro

Director: MANUEL CAETANO FIDALGO
Editor: ANTÓNIO AUGUSTO DE OLIVEIRA
Administrador: MANUEL A. VAZ PINTO

Propriedade da Diocese de Aveiro
Redacção: PAÇO EPISCOPAL — TELEF 154 — AVEIRO
Administr.: Instituto Nun'Alvares—R. José Estêvão, 50, Tel. 602

AVENÇA

Peregrinação diocesana

Como prometemos, damos, em seguida, o programa da peregrinação diocesana, nos dias 12 e 13 de Julho próximo, a Nossa Senhora de Fátima do Seminário.

Esperamos que esta piedosa comemoração, embora simples, possa trazer à nossa diocese, e dum modo especial ao nosso Seminário, as mais preciosas bênçãos da Mãe Santíssima. O que importa é fazê-la com verdadeiro espírito de fé e de piedade, e oferecendo ao Senhor e à Mãe do Céu qualquer pequena ou grande mortificação que nos possa custar o devoto exercício.

Segue o programa.

Aveiro, 28 de Maio de 1952.

† João Evangelista

Arcebispo-Bispo de Aveiro

Programa da Concentração

Dia 12 de Julho — A's 22 horas — Procissão de velas em honra de Nossa Senhora de Fátima, do Seminário para a Sé Catedral.

23 h. — Exposição do SS. Sacramento. Hora de Adoração.

Dia 13 de Julho — A's 8,30 horas — Missa e Comunhão Geral na Sé, por Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo.

11,30 h. — Organização do cortejo de Nossa Senhora, para o campo do Seminário.

12,30 h. — Missa Campal. Exposição do SS. Sacramento. Bênção dos doentes.

FESTA DO PENTECOSTES

Realizou-se no dia próprio na Sé Catedral a festividade litúrgica da descida do Divino Espírito Santo sobre Maria Santíssima e os Apóstolos congregados no Cenáculo.

Pela manhã, às 10 horas e meia, começou a celebração de Tercia, finda a qual Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo-Bispo de Aveiro celebrou missa solene de Pontifical, acolitado por alguns dos Consultores Diocesanos, fazendo ao Evangelho a sagrada homilia que vai resumida no artigo do fundo neste número do *Correio do Vouga*.

Serviu de Mestre de Cerimónias o rev. Padre António Días de Almeida.

De tarde, às 5 horas, previa uma instrução sobre o Sacramento da Confirmação, feita pelo Senhor Arcebispo, que administrou o Sacramento a numerosas pessoas dum e doutro sexo.

No fim benzeu e impôs os emblemas a algumas filiações da Jec e da Pré-Jec femininas do Liceu de Aveiro.

PENTECOSTES

O SENHOR disse aos Apóstolos: — *E' preciso que Eu volte para donde vim. Antes disso não descerá sobre vós o Divino Paráclito, que vos terá conta e sequência de tudo aquilo que vos revelei. Ele vos ensinará tudo.*

Dir-se-ia que Nosso Senhor Jesus Cristo, nos últimos dias da Sua morada na terra, mostrava uma certa pressa de subir de novo aos céus, para não demorar por mais tempo os relâmpagos do Pentecostes, mais esplendurosos e mais deslumbrantes que os do próprio Sinai.

A revelação do Redentor estava feita, sem dúvida.

Ele durante três anos consecutivos, ora nos campos e nos povoados, ora à beira dos mares e dos lagos, ora no alto das colinas ou das montanhas, ora no templo e nas sinagogas, por toda a parte por onde incidentalmente ou providencialmente passava, ora em sermões, ora em parábolas, ora em diálogos ou conversas de encontro, foi espalhando, uma a uma, as páginas dispersas do Seu Evangelho, capítulos soltos, fragmentados, que reunidos por assim dizer em volume, formaram esse corpo de doutrina, único, incomparável, divino, a que poderíamos chamar o código da civilização cristã.

Mas nem tudo está nos Evangelhos, segundo afirmou, dum maneira hiperbólica, o último no tempo dos seus escritores, S. João Evangelista:

— Se fossemos a contar tudo o que Jesus disse e fez, o mundo inteiro não seria capaz de conter todos os livros que se escrevessem.

Éra preciso, portanto, criar uma fonte autêntica, infalível, divina, de tradição apostólica. Se o erro se metesse nas entrelinhas do

Evangelho, era bem capaz de tudo estragar e comprometer.

Ora, se sobre a frente dos Apóstolos e dos seus sucessores nos séculos não caíssem as línguas de fogo do Pentecostes, se essas frentes não se inflammassem e acendessem da chama viva e dos clarões incorruptíveis da eterna verdade, que segurança e que firmeza nos poderiam dar as vozes incertas e frágeis da Tradição Apostólica?!

A luz do Pentecostes fica assim como que o fecho e a chave de abóbada do magestoso edificio do cristianismo, que não poderá ter, assim defendido, terrenos falsos ou alagadiços, por onde os nossos passos pudessem afundar-se ou perder-se.

O caminho poderá ser áspero, mas é aquele que leva indubitavelmente à meta.

*

Mas eu creio que, a par deste Pentecostes universal da Igreja, há para cada alma em particular um Pentecostes particular. Ele é a luz nas suas dúvidas e incertezas. Ele é o conforto e amparo nas suas atribulações. Ele é a confiança nas suas dolorosas ansiedades.

Consolator optime!

Dulcis hospes animae!

Dulce refrigerium!

E não havia de ser o Pentecostes, uma das grandes Páscoas, da alma da Igreja católica?

Poderia não ser ele uma das mais esplendidas manifestações da liturgia sagrada?

Vinde, ó Santo Espírito, enchei o coração dos Vossos fiéis dos esplendores da Vossa luz e das chamadas do Vosso amor!

Ainda a "Festa da Paróquia,"

Por virtude das comemorações do V Centenário de Santa Joana, pouco relevo pudemos dar, infelizmente, ao noticiário da "Festa da Paróquia", chegado até nós de diversos pontos da diocese.

Sabemos, todavia, e isso nos consola, que as solenidades foram, em muitas freguesias, bastante brilhantes e os párocos mais de perto sentiram, nesses dias, a piedade e a devoção dos seus fiéis.

Vamos arquivar aqui, por bem o merecer, o discurso pronunciado pelo sr. Prof. Alípio Portugal, na festa da Murtosa, que se revestiu de muito brilho. E' cheio de simplicidade e encanto. E' a fala do mestre-escola, a quem não faltam nem o testemunho das virtudes humanas e cristãs, nem o saber de experiências feitas.

A educação da criança na Murtosa

Longe vão os tempos em que eu tratava de perto e trazia entre mãos assunto tão melindroso e delicado, como é o da educação da criança. No entanto, das reminiscências do passado, vou dizer alguma coisa do que a minha já cansadíssima memória ainda conserva.

O homem e a mulher da Murtosa são admiráveis, não têm par na luta pela vida! O homem, depois de esgotados os recursos da sua actividade na terra natal, não hesita em se expor à morte por asfixia no purão dum navio para em terra estrangeira, tantas vezes ingrata, angariar o pão nosso de cada dia, à custa dos maio-

res sacrifícios, para não morrerem de fome a querida esposa e os filhos do seu coração.

A mulher, no campo, manejava a enxada ou a foicinha, ou de perna à vela, palminhando léguas e léguas, ajoujada ao peso da canastra, lá vai também em busca dos magros proventos com que há-de prover à alimentação do corpo dos entes queridos que em seu seio gerou.

São admiráveis, não têm par na luta pela vida o homem e a mulher da Murtosa!

Porém, como nem só de pão vive o homem, confrange-se o meu coração e sangra de pena ao observar o abandono em que fica a alma e o espírito da criança da Murtosa, enquanto seus pais, longe

(Continua na 3.ª página)

Festa e Procissão do Corpo de Deus

Celebra-se a festa do Corpo de Deus no próximo dia 12 de Junho, 5.ª-feira. E' o dia do triunfo Eucarístico.

PROGRAMA:

De manhã — A's 11 horas, na Sé Catedral, Missa Solene com Assistência Pontifical.

De tarde — A's 17 horas, Terço e Sermão; às 18, Organiza-se a partir da Sé Catedral, a Procissão Eucarística, sendo dada no fim a bênção do Santíssimo Sacramento.

Para que a Procissão do Santíssimo Sacramento seja cheia de esplendor, conforme o exige o Direito Canónico, determina-se o seguinte:

1.º — Todo o Rev. Clero da cidade de Aveiro e arredores (Esgueira e Aradas), segundo o Can. 1.291, é obrigado a tomar parte na Procissão.

2.º — Todas as Confrarias e Associações Religiosas masculinas da cidade e arredores, com suas opas, devem participar na Procissão.

3.º — Para que o brilho de tão veneranda festa não seja perturbado, uma hora antes e meia hora depois e durante o tempo do percurso da Procissão, ficam proibidas na cidade e arredores quaisquer devoções ou festas em todas as Igrejas ou Capelas.

4.º — Ficam, por este modo, directamente convidados todo o Rev. Clero e as Confrarias, Ordens Terceira ou Religiosas, outras Associações Religiosas, legitimamente instituídas na cidade e arredores.

Aveiro, 3 de Junho de 1952.

O Vigário Geral da Diocese

Encerramento das actividades da M. P. do Centro Escolar n.º 1

Um castelo de filiados do Centro n.º 1 da M. P. da Escola Industrial e Comercial de Aveiro, para encerramento das actividades do ano, desdoloçou-se no último sábado à Vila da Feira, fazendo a ocupação simbólica do Castelo.

Os rapazes eram acompanhados pelos dirigentes P.º António Augusto de Oliveira, José Ernani Moreira da Silva e Sargento José Mendes Vaz Redondo, respectivamente assistente, instrutor e monitor do mesmo Centro.

— POR — AVEIRO —

Desastre

Quando no passado dia 31 o sr. Dr. Francisco José Mateus, Delegado de Saúde do nosso distrito, regressava, com sua Esposa e filhas, da Mealhada, onde fôra encontrar-se com pessoas de família que, de Lisboa, seguiam para o Norte, no sítio das Pereiras, cruzamento da Estrada Nacional, veio embater contra o seu automóvel um outro que descia a estrada de Anadia.

Do choque que, segundo informações que ouvimos, o sr. Dr. Mateus não teve qualquer responsabilidade, além de prejuizos materiais, resultaram apenas ligeiros ferimentos para estes nossos particulares amigos, com o que muito nos congratulamos.

Lamentamos sentidamente o penoso incidente.

Escola Industrial e Comercial

Exames de alunos externos, de transição e de admissão

De 10 a 15 do corrente são recebidos na Secretaria da Escola Industrial e Comercial de Aveiro os requerimentos dos alunos externos matriculados que desejem ser submetidos a exames e que para isso reúnem as condições necessárias. São também recebidos os requerimentos, para o mesmo fim, dos alunos dispensados de matrícula (maiores de 18 anos) e os dos que pretendem fazer exames de transição para o ensino técnico, incluindo aqueles que estão matriculados no 2.º ano do ensino liceal, tanto no ensino oficial com no particular e têm obtido aproveitamento. Estes últimos alunos serão submetidos ao exame final do Ciclo Preparatório.

De 15 a 25 são recebidos os boletins dos candidatos ao exame de admissão, que devem ser acompanhados com os seguintes documentos:

Certidão de nascimento comprovativa de que o candidato não completa 14 anos antes do dia 1 de Outubro; documento comprovativo de que o candidato foi aprovado no exame da 4.ª classe do ensino primário ou de que se está matriculado nessa classe; bilhete de identidade.

Os novos Cursos Técnicos habilitam para o ingresso nas Escolas do Magistério Primário, para a admissão aos Ins-

titutos Industriais e Comerciais e através destes para os Institutos Superior Técnico e de Ciências Económicas e Financeiras, garantindo, também, a admissão a todos os concursos para o provimento de lugares públicos que exijam como habilitação o 2.º grau dos liceus.

Liceu Nacional

Exames

O prazo para requerer exames do 2.º, 5.º e 7.º ano, de transição e Singulares decorre de 10 a 15 de Junho.

Para os exames de admissão o prazo vai de 15 a 25 de Junho.

No átrio do Liceu estão afixados editais e instruções para consulta dos interessados.

Capela do Senhor das Barrocas

Foi apreciável a afluência de fiéis à devoção do mês de Maria, na capela do Senhor das Barrocas, que este ano se festejou com brilho excepcional.

Em cada dia do mês de Maio, à noite, durante uma hora, os fiéis de Sá e de fora — crianças, raparigas, rapazes, senhoras e senhores — viveram horas de intensa fé e ardente amor à Virgem, rezando e cantando em seu louvor, num só coro.

No passado dia 1 do corrente, às 8 horas, procedeu-se ao encerramento do dito mês com missa dialogada por todo o povo, com cânticos apropriados e com algumas dezenas de comunhões.

Oxalá perdure nas almas para sempre, o fervor daquelas horas tão sobrenaturalmente vividas.

Casa Nun'Alvares

Paramentaria — Livraria
Artigos religiosos
Tipografia

Rue Santa Catarina, 628
PORTO

A ÓPTICA

Vende as melhores lentes

Telefone 274

AVEIRO

Correio do Vouga

Por um motivo absolutamente imprevisível não nos é possível publicar hoje as 8 páginas habituais do *Correio do Vouga*. A última hora fomos forçados a retirar uma parte considerável da composição e a aproveitar páginas já preparadas, não havendo tempo para nova paginação com melhor aproveitamento de assuntos.

Aos nossos presados assinantes, leitores e anunciantes pedimos muita desculpa e esperamos que na próxima semana a Companhia do Papel do Prado possa satisfazer a nossa encomenda.

Bom emprego de capital

Vende-se em AVEIRO, Fábrica de Papel e Alvará em laboração — 250.000\$00; casa de 2.º andar — 90.000\$00; casa vaga de 1.º andar e grande quintal — 90.000\$00.

Recebem-se ofertas acima das referidas importâncias até 30 do corrente.

O Agente recebe pedidos para comprar e vender propriedades rústicas e urbanas.

Tem para emprestar por hipoteca 150.000\$00.

Manuel Evaristo de Albuquerque — Rua de S. Sebastião N.º 5 — AVEIRO.

Câmara Municipal de Aveiro

Concurso

Faz-se público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária, de 26 do corrente mês, deliberou abrir concurso, para a obra de «PAVIMENTAÇÃO DA AVENIDA DE ARAÚJO E SILVA e RUA DE ILHAVO» cujo Programa e Caderno de Encargos podem ser examinados na Repartição dos Serviços Técnicos desta Câmara, dentro das horas normais de serviço.

Base de licitação 371.506\$00
Depósito Provisório 9.288\$00

As propostas, escritas em papel selado e encerradas em subscrito lacrado, deverão ser acompanhadas dos documentos referidos no Programa do Concurso e apresentadas nesta Câmara, até ao dia 23 de Junho, pelas 14,30 horas.

AVEIRO E PAÇOS DO CONCELHO, 28 de Maio de 1952.

Pel'O Presidente da Câmara,

Domingos Vicente Ferreira

Vida de Sociedade

Aniversários

Hoje — *Maria Ruth de Sousa Morgado, filha do sr. Viriato Patrício do Bem.*

Amanhã — *Quinhina da Conceição Jesus Ferreira, filha do sr. Manuel Pinhal.*

Dia 9 — *Albertina Augusta da Silva Chaves Martins, filha do sr. Victor Manuel da S. Chaves Martins.*

Dia 11 — *Dr. Jaime Dagoberdo de Melo Freitas.*

Dia 13 — *Manuel da Silva Corado e D. Maria Gonçalves Dumond dos Anjos, esposa do Sargento de Infantaria 10, Amílcar Rodrigues dos Anjos.*

CAMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

EDITOS

1.ª publicação

Doutor Alvaro Sampaio, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço saber que a Sr.ª D. ADELAIDE CARAPINA GAMA, casada, residente na freguesia da Vera Cruz, desta cidade de Aveiro, requereu a esta Câmara no sentido de ser autorizada a trasladar da sepultura n.º 1.156, para a n.º 1.318 — 4.º leirão — do Cemitério Sul, onde se encontra sepultado seu pai ABÍLIO GOMES CARAPINA, os restos mortais de sua mãe MARIA FRANCISCA NUNES DE AZEVEDO, falecida em 23 de Julho de 1943.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos dos falecidos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, e no prazo de vinte dias, contados da data da segunda publicação destes, qualquer oposição à trasladação referida. Findo este prazo, o pedido será deferido se se verificar quem, nos termos da lei, não prefira à requerente no direito de dispor dos referidos restos mortais.

AVEIRO E PAÇOS DO CONCELHO, 26 de Maio de 1952.

O Presidente da Câmara,
Alvaro Sampaio

Cadeirinhas p. crianças

Grande sortido! só na
CASA DAS UTILIDADES
Rv. Dr. L. Peixinho, 124 — Aveiro

Cinema

Faça-se crítica...
...mas imparcial

A crítica, para ter um valor real, deve ser desapassionada e sobretudo, imparcial. Apontar defeitos e deficiências, não basta. Aplaudir a parte boa unicamente, é um erro. A crítica deve ser feita sim, o que a obra tem de bom e o que tem de mau. E se na realidade a obra é má, seja-se implacável na crítica. Assumir a responsabilidade das afirmações é o primeiro dever antes de criticar. Houve quem não gostasse de *Saltimbancos*, argumentando ser um filme mau, por tudo! Basta ser um filme português... para que um certo sector do público se manifeste nesse sentido...

E' certo que há filmes portugueses que nada nos honram. E são infelizmente bastantes. Mas no caso presente, embora concordemos que *Saltimbancos* não seja uma «maravilha», porque está longe de o ser, é contudo um filme que bastante honra o Cinema Português e isto por si, já é alguma coisa. Se o fossemos a comparar com tanta «fita» estrangeira que há por aí, muito teríamos que dizer...

C. M.

NA TELA

HOJE:

Em frente, marche! e *Dois malucos à solta* — Duplo programa com (Bucha e Estica), a exibir no Teatro Aveirense. AMANHÃ:

A taberna de Nova Orleans — Um filme de aventuras com Errol Flynn e Micheline Presle. Exibe-se de tarde e à noite no Teatro Aveirense. Para adultos.

Sinfonia de Paixões — Um drama de amor com Phyllis Calvert, Robert Hutton e Ella Raines. Exibe-se de tarde e à noite no Cine Avenida. Para adultos.

TERÇA-FEIRA:

Tótó procura mulher — Exibe-se no Teatro Aveirense.

Tótó Tarzan — Exibe-se no Cine Avenida.

QUINTA-FEIRA:

Passaporte para o Paraíso — Exibe-se no Teatro Aveirense. Não convém a crianças.

Vendem-se baratos

Dois harmonios um grande e outro pequeno, com muito som. Também se vende um piano vertical.

Para ver e tratar, Rua Cândido dos Reis, n.º 49. AVEIRO

Frazão & Oliveira, L.da

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 232-B — Telefone, 484

AVEIRO

Esta Firma vende Fogões eléctricos com fornalha por 1.650\$00, e com um insignificante consumo de energia. No próximo mês de Julho as tarifas de energia eléctrica são tão substancialmente reduzidas, que com 60\$00 mensais podem as Excelentíssimas donas de casa de Aveiro, deixar de se preocupar com os inestéticos e incómodos fogões de lenha.

Ainda a inauguração da Ponte de Ois da Ribeira

Conforme prometemos no último número do Correio do Vouga, na reportagem que fizemos da inauguração da ponte de Ois da Ribeira, publicamos os discursos proferidos no acto solene pelo Sr. Amadeu Soares e Mons. J. B. Santos Silva, Arcipreste de Agueda, que não puderam ser ouvidos por avaria da instalação sonora, e assim satisfazemos os desejos da gente daquela região de agora os ler.

Ex.^{mo} Senhor Governador Civil de Aveiro, digníssimo Representante de Sua Ex.^a o Sr. Ministro das Obras Públicas

Excelência Reverendíssima

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara Municipal de Agueda

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Convidado pela Comissão promotora destes festejos para dizer algumas palavras a este microfone, aqui estou para me desincumbir do encargo que me foi atribuído, — aliás, num gesto pouco feliz.

Começarei por esclarecer que, embora sendo filho desta linda terra que hoje se veste de galas para receber o valiosíssimo presente que o Governo da Nação com a ajuda dos meus conterrâneos e do nosso Município lhe oferece, — a circunstância de eu ter vivido várias dezenas de anos longe da Pátria e, consequentemente, o imperfeito conhecimento que tenho de certos detalhes da Obra de Ressurgimento que o Governo vem executando firmemente, no Continente, nas Ilhas e no Ultramar, e ainda a minha limitada capacidade intelectual (e nisto consiste a pouca felicidade da escolha) — me impedem de entoar um hino de louvor aos homens ilustres e aos patriotas insígnis a quem devemos o enorme progresso que por toda a parte e em todos os sectores se observa, enchendo de justificado orgulho aqueles que, como eu, tiveram a ventura de nascer portugueses.

E é pena, meus senhores, que eu conheça essa Obra tão imperfeitamente e que, como disse, os meus recursos sejam tão pequenos para entoar esse hino! E' pena, porque bem o mereciam os seus autores — os ilustres dirigentes da Nação Portuguesa! E' pena, repito, porque tenho a certeza que todo o povo desta terra me acompanharia entusiasticamente, sem discrepâncias nem fingimentos — que não tem guarida a hipocrisia no coração dos filhos de Ois da Ribeira!

Todavia, meus senhores, se o imperfeito conhecimento desses detalhes e a minha incompetência me impedem de explicar à gente da minha terra todo o valor dessa Obra e de discriminar os inúmeros

benefícios que Portugal tem tido com a administração do Estado Novo, eles não me impedem, todavia, de lhe dizer que ela é tão grande, tão gigantesca, que a sua sombra atravessou os mares e é vista pelos portugueses de todo o mundo com patriótico orgulho e com a mais sólida confiança nos altos destinos da Pátria.

Portanto, não importam, neste momento, os detalhes. E' suficiente vermos a obra em conjunto. E porque é um dever de todo o português prestigiar e apoiar os seus autores — porque apoia e prestigia a própria Pátria que tanto estremecemos e o progresso dos seus filhos — é que o republicano e o democrático de outrora aceitou o encargo e aqui se encontra hoje para saudar na pessoa do Ex.^{mo} Sr. Governador Civil de Aveiro, representando S. Ex.^a o Sr. Ministro das Obras Públicas, — os eminentes patriotas que dirigem os destinos da Nação portuguesa.

E essa saudação, minhas senhoras e meus senhores, eu a faço prazerosa e sinceramente, porque foi também devido aos reflexos dessa Obra que eu e milhares de compatriotas pudemos, no estrangeiro, passar a ter orgulho — em vez de vergonha — de nos dizermos portugueses e porque passámos a ouvir falar de Portugal com respeito e admiração, em substituição do ridículo e do desprezo a que andávamos sujeitos; e também porque ouvimos muitas vezes, lá fóra, homens de responsabilidade, exercendo altas funções públicas lamentarem-se de não terem à frente dos seus governos um homem como este formidável estadista que o Sr. Dr. Oliveira Salazar.

Meus senhores: — Todos vêm, neste momento, um detalhe dessa Obra magnífica; todos avaliam os enormes benefícios que essa bela ponte, agora abençoada, traz a ricos e a pobres; todos sabem quanto sofriam e quantos perdiam por a não possuírem e como essa falta punha em risco, durante o inverno principalmente, as suas próprias vidas; e todos sabem, finalmente, que há mais de 40 anos a vinham pleiteando, pedindo e implorando, e que não a teríamos ainda hoje, se no nosso país não tivessemos um Governo esforçado, honesto e patriota. E porque todos vêm e sentem estas verdades, é que o meu hino, se o soubesse fazer, seria acompanhado, em coro uníssono, por este povo, em sinal de agradecimento, em testemunho da sua imensa e imorredora gratidão. Assim, eu me limito a dizer a V. Ex.^a, Sr. Representante do Ex.^{mo} Sr. Ministro das Obras Públicas, e a V. Ex.^a Sr. Presidente da Câmara de Agueda, em nome

(Continua na pág. 4)

No Salão do Grémio do Comércio e Industria

No sábado passado, pelas 21,30 horas, a convite do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ilhavo, reuniram-se na sala do Grémio do Comércio e Indústria os salineiros da Ria de Aveiro — patrões e marnotos — que se apresentaram em grande número, para ouvir o sr. Tenente Jacinto Monteiro Rebocho expor o que se tem passado com a organização dessa classe para maior valorização do salgado da nossa região, a cada passo vergastado por crises de produção ou crises de mercados que rebaixam os preços tornando incomportáveis as despesas da laboração das marinhas, muito grandes actualmente e sem defesa por escassez de consumidores ou manigâncias de intermediários pouco escrupulosos.

As várias regiões salineiras do país — Setubal, Aveiro, Figueira da Foz, Póvoa, Algarve — reconheceram a conveniência de se associar em defesa, trabalhando nas formações de um novo organismo corporativo com esse fim organizado, iniciativa essa que foi bem aceite pelo Governo, sendo nomeada uma comissão, composta pelos representantes das várias regiões produtoras, para a qual foi indicado, em representação da nossa região, aquele ilustre oficial de Marinha, que há muito se vem dedicando ao estudo do problema que conhece como produtor de sal e apaixonado pelo assunto.

Quiz expor à Assembleia o que se tem passado nas reuniões em Lisboa daquela Comissão, que já vai na 12.^a sessão e sem os resultados que o sr. Tenente Rebocho antevia, o que o levava a pedir a sua substituição por outra pessoa. O Presidente da Direcção do Grémio da Lavoura, que fez a convocatória, convidou para presidir à sessão o sr. Tenente Coronel Gomes Teixeira, secretariado pelo sr. Silvério Amador e Dr. Roberto Canelas, dando depois o sr. Tenente Rebocho início à sua exposição, lucida e documentadamente feita, revelando perfeito conhecimento do assunto e desinteressada dedicação pelo mesmo, indo a Lisboa para assistir às reuniões que se realizavam em semanas seguidas e mais de uma vez por semana. Anteriormente preveniu os salineiros da nossa região da conveniência de se transformar o fabrico do sal de modo a poder-se exportar, pois só era aceite tendo 97% de cloreto de sódio, o que não acontecia, aumentado o volume com abundância de sais de magnésio e de areia. Terminou por pedir a sua substituição no que foi contrariado pelos oradores que se seguiram, o sr. Dr. Querubim Guimarães, o sr. Tenente Coronel Gomes Teixeira e sr. Silvério Amador todos os quais elogiaram a sua actuação solicitando a sua anuência aos votos ali formulados.

O espaço não nos permiti-

Ainda a "Festa da Paróquia,"

(Continuação da 1.^a pág.)

dela, lhe mourejam o alimento da carne. A criança em liberdade e na vadiagem pelos caminhos perverte-se, arruina-se e mais tarde entrará na vida sem prece moral.

E' corrente, e até frequente, aqui entre nós, dizer-se que não tem juízo quem se mete com a canalha, quando um adulto de coração bem formado reprova e repreende uma criança da rua que atira pedras às janelas, falta ao respeito aos velhinhos, aos José Maiais, aos Domingos Fantuns e a outros que tais, a esses infelizes que só merecem a nossa compaixão e têm no céu um lugar reservado, como anunciou Jesus Cristo no Sermão da Montanha:

«Bem-aventurados os pobres de espírito que deles é o reino do céu».

A educação da criança tem de principiar no lar. E' aos pais que pertence esse dever. E' no lar que a criança tem de aprender a distinguir o bem do mal, a amar o belo e detestar o feio, a praticar boas acções e reprová-las, a respeitar a ordem e detestar a desordem e a anarquia. E' esta a obrigação dos pais e a grande responsabilidade que pesa sobre seus ombros. Não é dar filhos ao mundo para depois os abandonar: é necessário dirigi-los, ampará-los, fazendo uma obra tanto perfeita quanto possível. Geralmente a criança é dócil e será um cordeirinho, se lhe soubermos extirpar o selo do mal.

Eu venho dum tempo em que na Murtosa havia pais bons educadores, embora os haja ainda hoje, mas em menor número.

Vou comprovar esta afirmação:

Um dia apareceu-me na escola uma pobre mulherzinha muito aflita, a chorar, porque uns meninos tanto a ida como no regresso da escola lhe atiravam pedras ao cão e à laranjeira. Como para mim a palavra Professor é sinónimo de Pai, é claro que castiguei paternalmente os meninos, estes foram queixar-se aos pais e estes por sua vez apareceram-me na escola a informar-se da razão do castigo.

Os pais, informados da oportunidade do castigo, agradeceram delicadamente, despediram-se e repetiram em casa o castigo, advertindo os filhos de que o professor, além de cumprir o seu dever, praticou aquela obra de misericórdia que nas espirituais ocupa o 3.^o lugar, (castigar os que erram). Eis, meus senhores e minhas senhoras, entre outros, um modelo exemplar dos pais do passado.

te examinar em pormenor da organização projectada o que expôs o sr. Tenente Rebocho, mas reconhecemos que o que oficialmente se pretende fazer não satisfaz como se deslava, os interesses dos salineiros não se resolvendo satisfatoriamente o problema. Por fim foi encerrada a sessão.

Agora os do presente:

Há dias, estava o infeliz José Maia encostado ao muro da escola da Murtosa à espera de uma alma caritativa que lhe mitigasse a fome, quando lhe surgiu um menino da escola, de alma e coração mal formados, a atirar-lhe pedras e a dirigir-lhe as maiores insolências. Uma senhora professora que passa, censura e repreende o rapaz, mas ele não faz caso. Então a senhora professora, como era seu dever, foi denunciá-lo ao respectivo professor que, após a entrada para as aulas, lhe pediu contas da sua má acção e lhe aplicou muito paternalmente o castigo merecido.

Passados momentos, entra pela porta dentro da escola, mesmo sem licença, uma mulher muito má, muito mal educada, a berrar e a vomitar insultos contra o educador do seu filho, sem primeiro indagar o motivo do castigo, e as impropriedades continuaram mesmo depois de instigada dos motivos do castigo.

Ao critério sensato do ilustre auditorio deixo a liberdade de fazer os comentários ao carácter e aos sentimentos desta mãe, os quais certamente se há-de reflectir no futuro na alma e no coração do filho.

Eu tenho para mim que esta mãe está eivada do egoísmo feroz e brutal que avassala o mundo na hora conturbada que passa. Parece que a Humanidade caminha para o abismo de olhos vendados!

Felizmente os casos da natureza daquele que acabo de relatar não são ainda muito frequentes. Impõe-se, no entanto, eliminá-los da nossa sociedade, para que não possam constituir exemplo a seguir por outras mães. Todos nós sabemos com que facilidade se multiplicam os maus exemplos!

Graças a Deus, na Murtosa não faltam ainda hoje boas mães que compreendem a alta missão que lhes cabe na educação de seus filhos, o papel que têm a desempenhar no lar.

Vamos nós, aqui neste cantinho de Portugal, quase que ignorado do mundo, bafejado pelas brisas da nossa formosa Ria e embalado pelo doce murmúrio das ondas do mar, vamos sim, todos unidos, educar a criança da Murtosa na doutrina sublime que nos legou o doce Rabi da Galileia, elevando assim a nossa querida Terra ao nível moral a que tem jus, e teremos a certeza de formar homens perfeitos para servirem a Deus, a sociedade e a Pátria.

Tachos de Pressão

Ultima maravilha!

Exclusivo da

Casa das Utilidades

Av. Dr. L. Peixinho, 124—Aveiro

Pelo Seminário

FREI João da Santíssima Trindade disse-me um dia, a propósito de um caso semelhante que me aconteceu a mim, que um industrial seu amigo lhe mandara, um pouco antes, uma tonelada de farinha de trigo para as hóstias das missas a celebrar no convento do Varatojo.

Ora, a tomar as palavras à letra, a não sair do seu sentido exclusivo, gramatical, de duas uma: ou cada hóstia do Varatojo devia ter o diâmetro, a grossura e o peso da roda de um carro de bois, o que seria impraticável, e liturgicamente absurdo; ou então, utilizada a pequena parte que se tornava para o efeito precisa, a outra, a grande massa, teria o inglorioso destino de apodrecer nos caixotes.

Tinha, pois, que se dar às palavras do capitalista um sentido mais amplo, tinha que se reconhecer nelas uma elegância, uma fórmula de cortesia.

Em vez de dizer, duma maneira trivial e rasteira, que a farinha era para o pão que os frades haviam de trincar à mesa e gostosamente engolir, disse, em luvra branca, quase unguida, sagrada, que a farinha era para as hóstias que os sacerdotes haviam de transubstanciar às missas do Varatojo no Corpo e no Sangue de Nosso Jesus Cristo. Não se podia fazer com maior distinção um presente. Quase assim que de antemão quem dá renuncia a ouvir de quem recebe qualquer obrigado, qualquer gesto de gratidão.

São maneiras, são invólucros delicados, espirituais, das coisas que poderiam parecer, se se apresentassem nuas e cruas, demasiadamente grosseiras.

Vem esta recordação a propósito de uma missa que duas piedosas irmãs me pediram para celebrar por suas especiais intenções, entregando-me elas, num pequenino envelope, aquilo que eu pensei ser a esmola sinodal, estabelecida nas Constituições Diocesanas para actos desta natureza.

Mas dentro o que estava era um cheque sobre a agência do Banco Nacional Ultramarino em Aveiro, na importância de cinco contos.

Ora, repito eu agora as palavras de Frei João da Santíssima Trindade a propósito da tonelada de farinha de trigo para as missas de Varatojo: se fossemos a tomar à letra as palavras como elas soam exactamente aos ouvidos, eu não podia aceitar uma tal tonelada de dinheiro pela esmola da missa que celebri; isso estaria fora de todas as proporções das tabelas. Teria, pois, que restituir às senhoras.

Mas foi que elas, num gesto elegantíssimo, aristocrático, fino, em vez de dizerem secamente: tome lá esses contos para o Seminário, e os atiram à copa do meu chapéu, como quem atira um pedaço de pão a um pobre, os envolveram graciosamente num envelope de setim branco e os ataram com uma fita de seda

azul, e curvando-se diante de mim na mais palaciana das vébias, em voz doce assim disseram:

— Tenha a bondade, Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor, de celebrar uma missa pelas intenções de nós ambas, e a bondade, ainda maior, de aceitar essa pequena esmola, como lhe chama a tradição da Igreja, para a matéria do sacrifício, para o vinho, para o trigo, para as luzes. E beijamos-lhe reverentemente a mão.

No mesmo estilo, baixando as alvelantes cabeças, deixaram a sala.

Ficou depois, durante muito tempo, um perfume suave de gentileza e bondade, de salão nobre, que nos encanta e nos faz nascer asas na alma.

Outros, no entanto, gostarão mais da rude e popular franqueza que eu vou contar:

Um homem da Arrancada, já não sei a propósito de quê, entrou há anos que já se não contam, na nossa pequenina casa da Rua da Estação, hoje demolida. Levava de presente um cesto de frangos.

— Que eram para nós esses bicos, proferiu.

E a minha mãe, com o cerimonial dos costumes:

— Ora, senhor, porque é que esteve a incomodar-se? Não era preciso...

E ele:

— Ora digo eu, eu não vejo aqui fartura com que a senhora possa remediar-se, sem ter que mandar à Praça. Fique lá com eles!

Tudo afinal está bem, segundo a fórmula na Ontologia consagrada:

Omne ens est bonum.

Esclarecimento

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria da Soledade Pereira da Cruz de Vilhena, informa-nos de que, em Ilhavo, solicitam afinções de pianos, invocando abusivamente o seu nome. E pedem-nos que esclareçamos que nunca desempenhou tais serviços e engeita qualquer responsabilidade.

Gostosamente acedemos à solicitação da distinta artista e professora, lastimando o condenável processo.

Passagens

Africa-Brasil-Venezuela ou qualquer outro País.
Seriedade absoluta.
Embarques rápidos.
Trata- JAIME PAULO
Agente de Viagens
Telefone, 4 ANADIA

Vende-se

A casa com os n.^{os} 68, 70 e 72 na Rua Combatentes da Grande Guerra e n.^o 37 na Rua Gustavo Ferreira Pinto Basto, desta cidade.

Recebe propostas: José Mortágua — AVEIRO.

Ainda a inauguração da Ponte de Ois da Ribeira

(Continuação da 3.^a pág.)

da gente da minha terra — Muito Obrigado.

Obrigado a V. Ex.^a, Sr. Representante do Sr. Ministro, por ter honrado esta festa com a sua presença, obrigado pela ponte monumental que aí está e obrigado pela luz eléctrica que hi de vir também, satisfazendo assim as duas maiores aspirações e as duas maiores necessidades deste bom povo, que tem tanto de trabalhador e humilde como de reconhecido e patriota.

Viva Portugal!

Viva o Sr. Dr. Oliveira Salazar!

Viva o Sr. Ministro das Obras Públicas!

Viva o Sr. Governador Civil!

Viva o Sr. Presidente da Câmara!

(Discurso pronunciado pelo Sr. Amadeu Soares Pereira)

Ex.^{mo} Sr. Governador Civil

Ex.^{mo} e Reverendíssimo Senhor Arcebispo-Bispo de Aveiro

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara Municipal

E' com a mais profunda comoção que assisto à inauguração da Ponte de Ois da Ribeira, sobre o Rio Agueda.

E a minha comoção sobe de ponto, ao ver na minha presença V. Ex.^{as} presidirem a esta sessão.

Deponho a Vossos pés as minhas homenagens e, peço-vos Senhores e Senhoras que perdoeis a fraquesa destes apontamentos sobre tão importante assunto, tão caro ao nosso coração, de filhos de Ois da Ribeira.

Há muito tempo acalentava no meu espírito, o sonho de ver realizada a grande aspiração de nossos corações, filhos de Ois da Ribeira.

O sonho tornou-se enfim realidade. Cumpre-me agora agradecer o notável melhoramento que o Estado Novo na pessoa do Sr. Governador Civil, representando o Ex.^{mo} Senhor Ministro das Obras Públicas, veio oferecer à nossa terra e o dever de sabermos ser gratos a tão generosa oferta.

Não há negar, parecer estranho, que a voz dum sacerdote se faça ouvir na inauguração duma Ponte no meio de uma multidão em festa.

Poder-se-ia mesmo estranhar que a mão sacerdotal do nosso Excelentíssimo Prelado tenha levantado o hissopo para aspergir liturgicamente esta ponte. Mas é exactamente por isto, que me sinto feliz em circunstâncias como esta, nas quais melhor se patenteia, em que pese a velhos preconceitos, o grande espírito de tolerância da Igreja Católica, que tem uma palavra para santificar todas as alegrias lícitas, e só não compactua com o mal, só não transige com o erro, só condena e combate, sem tréguas

nem quartel, o que é essencialmente imoral e desonesto.

Eis porque me sinto bem neste ambiente de Festa radiosa, onde, além de tudo, um pensamento me visa colmar o coração de entusiasmo; pensamento que me arrebatava neste cenário de beleza, onde tão bem se casam a obra do homem e da natureza: — pensamento que faz vibrar de emoção esta atmosfera cristalina.

Assim é que, devendo trazer apenas a minha palavra de admiração e parabens ao esforço admirável do povo da minha terra, senti que esta palavra se me inflamava aqui nos transportes do maior entusiasmo, aqui, neste amfiteatro feito para os êxtasis da poesia e da arte, aqui onde o rito sagrado da Igreja ainda se embala na ondulação verde-rubra da bandeira da nossa Pátria; aqui nesta alegre festa, abrilhantada pelo fulgor das autoridades de Portugal, aqui, enfim, onde, rebrilha a família Portuguesa, na ecloração da mais bela flor das suas graças.

E eu senti que esta palavra se me transfigurava nas vibrações de uma prece, prece ao ar livre, prece sobre-dourada pelo sol, prece em pleno azul, prece de arte das alturas sobrias destas encostas prece que também se eleva de todas as vossas almas, à semelhança desse perfume dos campos cheios de flores, de que nos fala a poesia bíblica, prece que sobe ao mais alto dos céus; pedindo com todas as véras da nossa fé e do nosso patriotismo, que Deus abençoe o nosso Portugal, que Deus abençoe sempre os dirigentes da Pátria; que Deus abençoe sempre os portugueses, os filhos desta terra, a fim de que estes se formem sempre mais à imagem desta terra grandiosa, e nós possamos saudar sempre mais a nossa Pátria, grande nas magnificências da sua natureza e mais ainda, nas energias morais e construtoras dos seus filhos.

Eu não sei mais que dizer às autoridades aqui presentes: muito e muito obrigado:

E a Ela, pois, á querida gente da terra natal, tão dignamente representada pelos seus filhos todas as palmas e flores; a ela o voto comovido com que fecharei estas singelas palavras, em que toda, porém, se me vai a alma agradecida.

Senhores:

Celebravam outrora os Romanos em um dos dias hibernais de Fevereiro, a festa pagã dos lares:

"Cognate dixere Caristia cari."

Eram como refere Ovidio na caristia.

Banquete convival entre parentes, festejo ao qual o afecto há dado o nome...

Para se reclinarem a essas mesas, sagradas aos Deuses tolerantes da família, deviam todos depor os sentimentos menos que puros, qual no-lo afirma ainda o mesmo canto dos "Fastos":

"Mãos puras, peito são, almas sem dólo,

Acorrei ao convívio; os ímpios fujam:

Longe, longe, os irmãos desnaturados!

...

Dai puro incenso aos génios da família!

Crê-se que neste dia alma concordia.

Mais benigna que nunca assistia ao bodo".

Tal se nos afigura a festa, que hoje aqui nos convoca a estes instantes de alegria e cordialidade. Não cabem aqui rancores nam desafetos, competições nem parcialidades, paixão alguma a scindir os anima; mas ao contrário; aqui só vejo corações e inteligências, confraternizando no mesmo amor à terra comum, sob o pálio resplandecente do mesmo ideal de progresso.

Praza aos céus, sejam estas as caristias cívicas da paz, de uma paz, em que possam as do nosso povo florescer à sombra dos nossos antepassados; e sejam ainda as minhas palavras uma paráfrase do que se usava naquelas festas, segundo os dísticos imortais do Poeta Latino, através da versão elegante de Castilho:

Prol a vós autoridades temporais e espirituais da nossa terra!

Prol ao nosso povo! Prol a Portugal, esta nossa Pátria querida!

E agora ao terminar permiti que evoque os nomes de três pessoas queridas desta terra, que já partiram para o seio do Senhor, mas estou certo Deus permite a sua presença a esta festa:

Manuel Maria Ala de Resende.

Manuel Joaquim dos Reis. Diamantino Francisco da Silva.

(Discurso pronunciado por Mons. Santos Silva, Arcipreste de Agueda).

Presenteie ...

...com artigos da Casa das Utilidades

Rv. Dr. L. Peixinho, 124 - Aveiro

Empregada para caixa

Com conhecimentos comerciais. Precisa-se. Aqui se informa.

Casa na Praia da Barra

Boa construção, nova, mobilada, junto da estrada da Costa. Vende-se por motivo de retirada. Trata, na Barra, José Cruz.

Informa-se nesta redacção.

A ÓPTICA

vende mais barato

Telefone 274 AVEIRO